

A CASTIDADE⁽¹⁾

DR. MANUEL JÚDICE HALPERN

Assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa

I — GENERALIDADES

1 — A função sexual

Enquanto que todas as outras funções do organismo são individuais, isto é, são funções que o indivíduo realiza só, sem a colaboração doutro, a função sexual exercida normalmente é relacional, necessita para a sua realização dum outro indivíduo, de sexo diferente.

Esta diferença fundamental entre a função sexual e as outras funções do organismo, está, sem dúvida, relacionada com uma diferença de objectivos — enquanto que estas visam a conservação do indivíduo, a função sexual, estando centrada sobre a reprodução, visa a conservação da espécie.

É desta diversidade de objectivos que provém outra diferença básica — ao contrário das outras funções, esta não corresponde a uma necessidade permanente e regular do organismo. Todos os dias comemos porque temos fome. O grau de repleção da bexiga condiciona a frequência das micções. E assim por diante. Pelo contrário, o acto sexual não é condicionado por um estado anterior do organismo (p. ex. vacuidade do estomago, repleção da bexiga), mas são os primeiros estadios do comportamento sexual que originam no macho a acumulação do esperma necessário para a ejaculação.

(¹) Trabalho baseado numa conferência feita em Fátima no III Congresso Nacional de Religiosos em Abril de 1963.

Por outro lado, ao contrário das outras funções, a função sexual não é uma exigência absoluta do organismo. Enquanto que as outras são verdadeiramente vitais, (por exemplo, não se pode viver sem comer), já não se passa o mesmo com a função sexual — *um ser vivo pode ser privado do exercício desta função sem que a sua saúde fique comprometida.*

2 — Sexualidade e psiquismo

É costume dizer-se que, em relação aos instintos, o homem é o mais fraco dos animais. Nos animais, os instintos regulam todo o seu comportamento — comem quando têm fome, bebem quando têm sede, têm relações sexuais apenas na época do cio, etc. No homem, o comportamento deixa de ser instintivo para ser orientado pelo espírito — como, acentua ORAISON «o factor regulamentador da função não se situa no instinto, mas muito acima dele, na indeterminação da vontade livre» (1)

É no domínio sexual que esta diferença de comportamento sobressai mais claramente. Enquanto que no animal a actividade sexual se encontra limitada aos períodos de atracção sexual do estro, na espécie humana não está limitada ao estro, pode surgir em qualquer momento.

Por outro lado, a existência duma alma vai acrescentar à função sexual um componente novo, as manifestações psicológicas. O homem teria apenas fracos impulsos eróticos se o sentimento não tivesse a sua função.

Quere dizer, encontram-se na função sexual dois componentes — o desejo genital ou erotismo e o poder afectivo ou emoção terna.

Em toda a evolução psíquica do homem nota-se um caminhar longo e difícil para um equilíbrio entre estes dois componentes. Quando este equilíbrio não se dá, o individuo fica fixo em formas de evolução mais infantis em que predomina o erotismo (por exemplo, manifestações auto-eróticas-masturbação).

(1) M. ORAISON — Introdução à crítica de toda a moral sexual in «Moral sexual e dificuldades contemporâneas». Círculo do Humanismo Cristão. Livraria Morais. Lisboa, 1959.

A evolução para o equilíbrio vai-se traduzindo por uma oblatividade cada vez maior ⁽¹⁾. A maturidade atinge-se quando o indivíduo é capaz de se dar total e irreversivelmente a um outro ser não o «coisificando», não o utilizando apenas como objecto de satisfação, mas dando-se a ele por amor.

Surge assim o amor, que vai dar à sexualidade humana um valor e significado que o animal nunca poderá ter. A introdução na sexualidade duma riqueza extremamente elevada de valores espirituais poderá transformar, se a vontade do homem o quizer, um acto puramente carnal num acto altamente espiritual. Nestes casos, que deveriam ser a regra, a união de almas sobrepõe-se à união dos corpos, elevando-a a um nível superior.

É por esta razão que esta dádiva total de corpos e almas que é a união conjugal, humana, só se pode compreender dentro dum ideal monogâmico. O acto sexual fora do casamento nunca poderá ser uma dádiva total, reduz-se apenas a um acto carnal, desprovido de qualquer ideal superior — é uma união de corpos sem união de almas, transforma-se na satisfação egoísta dum instinto.

Se o acto sexual só adquire valor e significado dentro do casamento, não é difícil de compreender que se deva renunciar a ele fora do casamento e antes do casamento. Também é evidente que para que ele adquira o seu verdadeiro valor é necessário que seja dada dos solteiros, deve-se falar também em castidade conjugal. não degrade mas que eleve — não se deve falar apenas em castidade realizado não só dentro do casamento, mas também dum modo que

Compreende-se ainda que se possa renunciar durante toda a vida ao exercício desta função por um ideal superior — é o que faz o sacerdote ao fazer dádiva total de todo o seu ser a Deus.

Neste trabalho estudaremos exclusivamente a castidade dos solteiros e muito especialmente a castidade dos jovens.

(1) A tendência para a oblatividade nota-se não só na esfera sexual mas em todas as actividades do indivíduo. Quando nasce, a criança tem apenas tendências captativas — quer todas as coisas para si, fá-las suas. Pouco a pouco surgem as tendências oblativas que a levam a dar — compartilhar os seus brinquedos, amor ao próximo, etc. A tendência para a oblatividade na esfera sexual não é mais que uma consequência desta evolução afectiva.

II — A CASTIDADE DOS SOLTEIROS

2 — A castidade é prejudicial?

A possibilidade da prática da castidade tem sido muito discutida. As razões mais frequentemente apontadas contra a prática da castidade podem esquematizar-se do seguinte modo:

- 1.º — O instinto impedido na sua evolução normal de contactar com o outro sexo, cai nas piores aberrações genitais (sodomia, pederastia, bestialidade).
- 2.º — O homem possui órgãos genitais; portanto deve utilizá-los.
- 3.º — Mantendo as energias sexuais numa inactividade constante, violentando-as surgiria uma tensão permanente no organismo ocasionando nervosismo e histeria.
- 4.º — Quando a natureza fala é preciso obedecer-lhe.

Como responder a estas objecções?

- 1.º — Como vimos, o instinto evolui para a oblatividade num ideal monogâmico. As aberrações sexuais são devidas não à castidade (aliás elas são muito mais frequentes nos que não guardam castidade e nos casados) mas devem-se à fixação do instinto em níveis infantis ou a casos patológicos.
- 2.º — A existência de órgãos genitais está orientada para a procriação, para a conservação da espécie. Sendo este fim um fim colectivo, para a espécie, um membro individual pode faltar ao seu cumprimento.
- 3.º e 4.º — Estas objecções resultam da confusão entre a continência e a castidade. A continência é apenas a abstenção do acto sexual. Quando esta é forçada pode efectivamente criar consequências prejudiciais, em especial se se passa num terreno nevropático. Pelo contrário, a castidade é uma continência realizada como fruto duma atitude interior espontânea e livremente aceite por um motivo superior. Entendida deste modo a castidade nunca poderá ser prejudicial, ao contrário da continência.

2 — Continência sem castidade

Como vimos, a continência não pressupõe obrigatoriamente a castidade. Esta possibilidade pode surgir em várias circunstâncias:

1 — Impotência, física ou psicológica

- a) *fixação à mãe* resultantes da absorção total da alma dum filho por uma mãe demasiado terna e absorvente. O filho fica «psicológicamente castrado», incapaz de ter relações sexuais, embora permaneçam os desejos e os pensamentos.
- b) os *eunucos* e os *impotentes*, embora impossibilitados de ter relações sexuais, podem não ser castos.
- c) por vezes, na infância, criam-se *inibições* que podem gerar uma impotência psicológica. A causa mais frequente é um contacto precoce da criança com o mundo do sexo, em geral por ter observado relações sexuais dos pais.

2 — A continência pode ser *forma de fugir à vida*, às responsabilidades, aos deveres do casamento.

3 — Finalmente, pode guardar-se a continência sem castidade devido a um *espírito religioso mal formado*. Guarda-se continência por temor a Deus, porque Deus proíbe, mas, porque se faz continência à força, não se evitam os desejos, não há castidade.

*

* *

É importante conhecer e saber distinguir estas continências sem castidade na avaliação das vocações religiosas.

3 — Tipos de castidade

No plano psicológico, é costume distinguir-se três tipos de castidade: castidade por inibição, castidade por derivação, castidade por sublimação.

A *castidade por inibição* é uma denominação, na nossa opinião, errada. Trata-se da continência sem castidade — por conseguinte não é castidade.

Na *castidade por derivação*, não é um ideal altamente superior que norteia a continência, mas sim a absorção pelo trabalho, pelo desporto, etc. Embora esta castidade se situe num nível muito mais humano do que a anterior, as derivações são um auxílio precioso para a prática da castidade por sublimação.

Uma castidade positiva e fecunda, só se pode realizar por *sublimação*. O amor a Deus, o ideal monogâmico, a oração, os sacramentos, um ideal elevado, mesmo não religioso, são as molas propulsoras para uma castidade real e eficaz.

Sem sublimação, sem amor, sem caridade, a castidade será incompleta e estará condenada a morrer na primeira ocasião.

III — EDUCAÇÃO DA CASTIDADE

1 — Iniciação sexual

A criança, naturalmente curiosa, procura ser elucidada sobre tudo o que não sabe. Se, dum modo geral, os pais lhe procuram responder mais ou menos bem a tudo o que perguntam, quando surgem perguntas respeitantes à esfera sexual, (donde nascemos, donde viemos, etc.) a maior parte das vezes ou se indignam com a pergunta, ou não respondem, ou dão respostas sem sentido.

As crianças ficam assim com a noção de que tudo o que diz respeito ao sexo é «tabu», quando não ficam com a ideia de que é um assunto vergonhoso de que não se pode falar nem pensar.

As consequências destas atitudes dos pais, são evidentes: recalcamientos, estimulação da imaginação e da curiosidade. Por outro lado, a resposta às perguntas formuladas serão obtidas por outras vias (criadas, más companhias) com resultados contraproducentes.

Como acentua MARAÑON, *não se deve manter a criança no mistério do sexo. É preciso substituí-lo pela verdade do sexo.*

Para as crianças, deve ser-se sempre verdadeiro, embora com a maleabilidade suficiente para adaptar as verdades à sua compreensão e sensibilidade.

O facto de antes se ter desprezado por completo a educação sexual das crianças, não nos deve impelir para o polo oposto e fazer educação sexual a todo o custo. A educação sexual é apenas um aspecto da educação total e, portanto, tem de ser sempre colocada no seu contexto. É o socorro que se leva à criança para a ajudar a ultrapassar a fase da vida instintiva.

*
* *
*

Quem deve falar? É evidente que quem deve dar a explicação são os pais. Dum modo geral é sempre a eles que a pergunta é feita pela primeira vez. Além disso, uma vez feita a pergunta, o facto de não responderem seria uma desilusão para a criança, criando-se um afastamento entre pais e filhos.

A reacção dos pais às primeiras perguntas dos filhos é fundamental. Marcará a confiança que a criança terá nos pais neste terreno e influenciará consideravelmente as relações entre pais e filhos em todos os campos.

O adiar indefinidamente as respostas, as descomposturas (não se fazem perguntas destas!, não te ocupes disto, etc.) ou as respostas estúpidas (as crianças vêm de Paris, transportadas uma cegonha, etc.), só servem para fazer os filhos perderem a confiança nos pais e para lhes dar a ideia de que tudo o que diz respeito à sexualidade, se relaciona com realidades vergonhosas, de que não se deve nem se pode falar. E se os pais se obstinarem neste caminho, quem informará os filhos? As criadas, os amigos, os maus companheiros, em geral dum modo truncado, por vezes obsceno e sempre desprovido do tom de verdade e de espiritualidade que só os pais lhe poderiam imprimir.

Pelo contrário, uma resposta clara e adequada dos pais, dará às relações entre pais e filhos, um clima de amizade e de confiança. Por outro lado, compreendendo melhor os sacrifícios, o amor e a missão dos pais, aumentará neles o seu afecto e reconhecimento para com eles e nascerá um profundo respeito pela sexualidade e pelo casamento. É este o primeiro passo, e talvez o mais importante para a educação da castidade, para a educação do amor.

*

* *

Quando falar às crianças? Em primeiro deve responder-se sempre que perguntam. Todavia, quando a criança ainda não consegue guardar segredo, não interessa dar uma resposta pormenorizada pois correr-se-ia o risco de ela, por sua vez, transmitir a crianças mais novas as noções adquiridas, com os inconvenientes que se podem adivinhar. Neste caso, uma resposta vaga mas verdadeira como: «foi Deus que enviou os filhos à mãe», poderá adiar por algum tempo uma resposta mais detalhada. Todavia, se a criança não ficar satisfeita com a resposta deve-se-lhe dar mais detalhes.

Se a criança não se interessa pelo problema, poder-se-á tentar tomar a iniciativa, suavemente, sem ferir a sua sensibilidade, pois, caso não se tome a iniciativa, poderá ser informada fora de casa. Por vezes, a existência duma nova gravidez em casa pode ser o momento de começar a iniciar os filhos mais velhos. É o caso de uma mãe grávida, que, vendo que o seu filho de cinco anos não tinha cuidado com ela, explicou-lhe que estava assim gorda porque tinha dentro de si uma nova irmãzinha e a partir daí iniciou a explicação do mistério da vida. É o caso também doutra mãe que, sempre que esperava outro filho, chamava os mais velhos e pedia-lhes para porem a mão na sua barriga para sentirem os movimentos do seu novo irmão começando a iniciação a partir desta conversa.

Muitos outros assuntos se poderiam prestar para o início desta conversa — algum filme ou romance em que se abordasse este assunto, um tema de estudo do liceu, etc.

*

* *

O que fazer quando a criança se recusa ou escandaliza em ouvir estas explicações? Em geral esta atitude tem uma causa — repreensão de um parente por lhe ter feito perguntas sobre assunto, explicações chocantes de um colega, conhecimento da vida íntima dos pais por ter dormido muito tempo no quarto deles, etc.

A conduta a tomar, muitas vezes é difícil. É precisa muita diplomacia, muito tacto, muita delicadeza, para conseguir explicar sem ferir a sensibilidade. Em casos extremos, poderá ser necessário o auxílio de um psiquiatra. É também nestes casos que um auxílio

de um sacerdote poderá ser extremamente valioso, pois, com a sua experiência de direcção de almas, muitos conselhos poderá dar aos pais.

*

* *

Compreende-se que nestes casos difíceis, os pais vão adiando o momento da explicação. Todavia, por mais que se retarde, há períodos limites antes dos quais a explicação tem de ser feita.

O aparecimento da menarca constitui um grande choque psicológico para as raparigas que não foram prevenidas. Por conseguinte, a explicação tem que ser dada antes do seu aparecimento. O começo do desenvolvimento dos seios, que a precede de algum tempo, pode servir de aviso.

Nos rapazes as explicações não podem ser adiadas para lá do momento em que a genitalidade atingiu um desenvolvimento que não pode passar despercebido à criança, em especial se se produzem erecções e ejaculações.

Notemos que ao falar em períodos limites de nenhum modo queremos dizer que são a altura em que as explicações se devem dar. Antes pelo contrário, se tiverem sido dadas mais cedo seria preferível pois adiando para esta altura sem razão plausível correr-se-á o risco de a criança poder ser elucidada fora de casa além de que com a eclosão da puberdade a criança se torna menos receptiva.

*

* *

Como dizer? Os pais devem procurar que as conversas com os filhos não revelem qualquer artificialidade ou atrapalhação. Deveriam utilizar uma linguagem simples e clara, empregando as palavras que usam nas conversas de todos os dias com os seus filhos. A atrapalhação, embaraço ou nervosismo têm que ser evitados. Se os pais se lembrassem do papel importante e sagrado que o sexo desempenha nos planos de Deus, uma grande parte das suas dificuldades desapareceriam. Porém se eles próprios estiverem convencidos que o sexo tem obrigatoriamente em si qualquer coisa de pecaminoso, então será impossível que falem aos filhos sem sentirem dificuldades.

Os pais bem formados e bem elucidados pouco embaraço sentirão se tiverem começado esta instrução no momento próprio e a começarem a ministrar periòdicamente.

Se o pai se sentir nervoso ou atrapalhado durante a explicação, deverá restaurar a sua calma pondo-se a falar de outros assuntos e se necessário adiando a explicação para outro dia. Se se sente incapaz de discutir este assunto com os seus filhos por não conseguir ter a calma e a espontaneidade necessárias, não o deverá fazer pois os resultados certamente não seriam brilhantes.

*

* * *

O que dizer às crianças? A criança não quer saber tudo e, por outro lado, a sua curiosidade é gradual. À pergunta inicial «Donde vêm os filhos?» sucedem-se perguntas sobre a maternidade, surgindo mais tarde sobre a paternidade.

Para a explicação da maternidade, é muito útil a comparação com as plantas. Do mesmo modo que estas se desenvolvem a partir duma semente, também as crianças se desenvolvem a partir duma semente guardada no ventre da mãe.

Possivelmente a criança perguntará também por onde sai o bebé do ventre da mãe. A maneira mais fácil de responder será dizer que o ventre da mãe se abre na sua parte inferior, saindo a criança por aí.

Dum modo geral a criança não pergunta cedo qual o papel do pai na geração.

Depois de ter compreendido a analogia com a semente, surge-lhe a pergunta: «quem poz a semente?».

Inicialmente contenta-se sòmente com a resposta que a semente é colocada no sítio onde a criança se irá desenvolver.

Geralmente durante semanas e mesmo meses a criança fica satisfeita com esta explicação mas infalivelmente surgirá o dia em que a criança perguntará como é que o pai põe a semente.

Mais uma vez a comparação com os vegetais será de grande utilidade. Para haver fecundação é necessária a junção das células masculinas e femininas. Nos vegetais as células masculinas formam o polen, que se encontra nos estambres. O polen transportado pelo vento ou pelos insectos encontrará a célula feminina que se encontra no ovário da flor. Da união das duas células resultará o germen que se irá desenvolvendo, originando o fruto.

Do mesmo modo, no homem as células masculinas (espermatóides) têm que se transferir do órgão que as contém (testículos) para a mulher. Deus não deixou a fecundação humana ao sabor do acaso, do vento, ou dos insectos. É o homem que deposita no interior do corpo da mulher por intermédio do membro viril.

Com a aproximação da puberdade as crianças deveriam ser elucidadas sobre as modificações que surgirão no seu corpo e no seu temperamento. Em especial as raparigas deveriam de ser preparadas para não estranharem a sua primeira menstruação. Para isso deverão ser elucidadas sumariamente sobre o seu mecanismo.

O rapaz também deve ser elucidado sobre o aparecimento das poluções.

*
* *

Todos estes dados fisiológicos seriam desvirtuados se não fossem acompanhados a par e passo por uma preparação moral, espiritual e religiosa e completados com noções sobre o valor da paternidade e da maternidade, do amor, do casamento, do ideal monogâmico, etc.

*
* *

Qual o papel do educador e do sacerdote nesta fase da educação? Como dissemos, o grande esforço pertence aos pais. O papel do educador ou do sacerdote deverá, de um modo geral, ser essencialmente indirecto chamando a atenção dos pais para as suas obrigações, e aconselhando-os.

Por vezes os educadores perguntam como orientar crianças cujos pais não lhes dão educação sexual e em especial as crianças que se encontram em colégios internos completamente afastadas da família nesta época crucial da educação. As crianças em geral não procuram discutir estes problemas com os educadores e muitas vezes é anti-pedagógico ir para um ensino directo.

Talvez se possa estimular a curiosidade da criança quando no decorrer de passeios se mostram plantas e se discute o seu modo de reprodução. Talvez se possa ter um diálogo mais directo com uma outra criança mais aberta ou mais curiosa, mas, na verdade,

trata-se de um problema de difícil resolução para o qual não se apontou ainda uma solução eficaz.

Recentemente descreveram-se os resultados duma experiência feita em França já com dez anos de existência (1).

Trata-se de uma experiência realizada numa paróquia popular francesa. As crianças (de cerca de 12 anos) vão com os pais a reuniões em que são iniciadas no mistério da vida. Após reuniões exclusivamente com os pais, iniciam-se reuniões com as crianças (sempre na companhia dos pais) com projecções de filmes primeiramente sobre a reprodução nas plantas e em seguida nos animais. Nas reuniões seguintes fazem-se reuniões separadas para rapazes e raparigas, em pequenos grupos, na presença dos pais. Na impossibilidade de detalhar os temas das reuniões, enviamos as pessoas interessadas para o livro de J. M. GILLE onde se encontram esplendidamente desenvolvidos.

Os autores da experiência insistem nos seguintes pontos fundamentais:

1 — A presença dos pais é indispensável. Muitas vezes a reunião tem para eles um valor informativo sobre a apresentação cristã das coisas do amor, permitindo-lhes conduzir melhor um diálogo com os filhos.

2 — Não se trata de substituir ou de completar o ensinamento dos pais, pois, é impossível fazê-lo em grupo. Trata-se antes de dar conhecimento às crianças em grupo e num ambiente são de certas realidades da vida.

3 — Só uma educação colectiva pode modificar o surto de ideias desmoralizantes propagadas pelo cinema e pela rádio e que criaram raízes nas escolas e nos meios de trabalho.

4 — Sabendo que as outras crianças também estão informadas sobre os mesmos assuntos, dissipa-se o mistério, desaparecem as meias palavras e as conjecturas, deixa de haver um assunto proibido de que se fala às escondidas e com bases falsas.

5 — Desaparece o receio de fazer perguntas ou de pôr problemas aos pais, pois, a dificuldade do primeiro contacto foi vencida por esta aprendizagem colectiva.

(1) J. M. GILLE — *Initiation au mystère de la vie*. P. Lethielleux Paris, 1961.

6 — Não se trata de dizer tudo às crianças. Deve dizer-se o adequado, nem mais nem menos. Importa mais dar o conjunto do que os pormenores. Os pais detalharão os pontos necessários no momento oportuno.

7 — Há limites que se não devem atravessar e que não são os mesmos para os rapazes e para as raparigas. Tanto num caso como noutro, torna-se necessária uma preparação minuciosa das exposições, avaliando exactamente o que se deve dizer, não deixando nada entregue ao acaso.

*
* *

A educação colectiva nos moldes que expuzemos acima não deve ser repelida a priori. Todavia para que seja eficaz é necessário que se reünam condições verdadeiramente excepcionais:

- 1 — Educador particularmente equilibrado e preparado
- 2 — Escolha criteriosa dos assuntos
- 3 — Colaboração dos pais
- 4 — Conhecimento individual de cada criança.

*
* *

Um poutro ponto a considerar, seria a educação dos pais. Há muitos pais que não educam convenientemente os filhos neste assunto, ou mesmo os não educam por não conhecerem o problema ou não saberem como o fazer.

Neste campo, o educador e o sacerdote poderão ter uma acção importantíssima, quer individualmente convencendo os pais da necessidade da educação sexual dos seus filhos e aconselhando-os sobre os modos de realização quer colectivamente em reuniões organizadas para tal fim.

2 — Puberdade

As noções de educação sexual que temos estado a expor dizem respeito à época antes da puberdade.

A puberdade é uma fase muito delicada na evolução das crianças. Constitui uma transição entre a infância e a idade adulta tanto

no aspecto físico como no intelectual e afectivo. O púbere encontra-se num equilíbrio emocionalmente muito precário que terá que ser compreendido e seguido com cuidado

Na esfera corporal, os órgãos sexuais atingem a sua maturidade e surgem os caracteres sexuais secundários e nas raparigas inicia-se a menstruação. As transformações físicas da puberdade são acompanhadas por modificação do comportamento e da sensibilidade. Abandonam os brinquedos. O riso deixa de ser expansivo para se tornar raro e discreto. O porte torna-se mais distinto e o andar mais lento. A espontaneidade e a franqueza dão lugar à reserva e à observação.

O despertar da sensibilidade genital vai transformando lentamente o temperamento e suscita na imaginação aspectos novos, estranhos e perturbadores; nascem desejos vagos, uma tendência crescente para a vida sexual. Este momento é sempre grave se a criança não for bem acompanhada pelos pais e pelos educadores.

Perante este novo quadro dos seus afectos, sensações e instintos, o adolescente sente a necessidade de se fechar sobre si próprio, de tomar decisões que só a ele competem, mas que, ao mesmo tempo lhe custam a formular. Assim se explica que o adolescente em geral seja calado, tímido e indeciso.

Sob o ponto de vista pedagógico, é necessário ter uma grande compreensão deste estado de espírito. O objecto primacial da educação, deve ser a formação do carácter. O trabalho do educador é difícil porque esbarra com a reserva e a timidez do adolescente. As melhores armas são o exemplo, a compreensão e a confiança. O adolescente necessita de admirar as atitudes dos adultos — atitudes firmes, lógicas, seguras, correctas, tranquilas e sempre que se dirige a um adulto sente necessidade de compreensão e de poder depositar confiança.

Por outro lado é preciso estimular, facilitar os contactos entre jovens, embora se deva ser cuidadoso na escolha das amizades. Também se deve ter sempre presente entre outras coisas, o preenchimento dos tempos livres, a prática do desporto. No capítulo IV falaremos mais detalhadamente na realização de alguns pontos concretos.

*
* *

Se, de um modo geral, os problemas da adolescência têm sido iguais em todos os séculos, há neste século factores novos que levantam problemas difíceis de resolver — grande importância dada aos divertimentos com o que implica de perda dos verdadeiros valores, divulgação científica (por exemplo, discussão dos problemas e técnicas de regulação dos nascimentos em revistas lidas por adolescentes); maior liberdade dada aos rapazes e raparigas; desenvolvimento do «flirt»; desenvolvimento do hiper erotismo nas revistas, cinema, bailes; maus exemplos nas vias públicas; menor estabilidade da família; «demissão paterna» etc.

Embora estes novos factores não alterem em nada as normas apontadas, criam, por vezes problemas difíceis de resolver.

3 — Juventude

A educação da juventude é a sequência daquilo que se fez na infância e na adolescência. Se a educação até aí tiver sido bem orientada, é natural que se possa continuar sem problemas consideráveis; se não foi bem orientada, é nesta fase que surgem os problemas mais graves, na maior parte das vezes de solução problemática.

Nesta idade, os jovens sentem-se adultos, independentes, surgem namoros, querem casar-se. É a ocasião mais apropriada de lhes dar umas noções mais desenvolvidas sobre o noivado e o casamento, pureza e castidade. Uma «conversa a sério» entre pai e filho, ou entre mãe e filha, está indicada.

Estando os rapazes e raparigas cónscios do valor do noivado e do casamento, do que representa a castidade, tendo sempre presente neles o exemplo dos pais e sabendo o valor da oração e dos sacramentos, a sua conduta muito mais facilmente seguirá o caminho exacto.

4 — Meios para a prática da castidade

Para lá das considerações gerais que fizemos, há pontos concretos a considerar, alguns deles comuns às várias fases de desenvolvimento da criança.

1 — *Encaminhar o affecto dos rapazes para um ideal de noiva*, da companheira ignorada que Deus lhes destina e que devem respeitar em toda a mulher, ideal este representado pela sua mãe e sublimado pela imagem de Nossa Senhora — o jovem deverá sempre ter presente perante ele três mulheres: a Mãe de Deus, a sua mãe e o ideal da noiva.

2 — *Educação da vontade* — Sem uma vontade forte não pode haver castidade. A vontade deve educar-se pelo trabalho, pela ordem e pelo sacrifício.

a) *trabalho* — Sem se transformar as crianças em meninos prodígios ou em super-estudiosos, deve criar-se-lhes um espírito de honestidade no trabalho. Quando estudantes, deve fazer-se-lhes ver que o seu modo de trabalho é o estudo e que, por conseguinte, para se realizarem, têm de ser cumpridores. Quando empregados, devem ser incitados a serem o melhor possível, pois, para eles, o trabalho no emprego é o modo de se realizarem.

b) *a ordem* e o método no trabalho são indispensáveis para a boa ordenação do espírito.

c) *a ascese* é um auxiliar valioso na educação da vontade. Sem exigir das crianças sacrifícios extraordinários, há pequenos sacrifícios que se podem e devem ser pedidos. O auto-domínio nas pequenas coisas permitirá mais tarde o autodomínio nas grandes coisas.

3 — *Preenchimento dos tempos livres* — O ócio é o maior inimigo na educação infantil. Muitos meios se podem utilizar — desportos, jogos educativos, música, ballet, etc.. A prática do desporto é fundamental. É por ele que a criança canaliza o excesso de vitalidade e cria espírito de iniciativa e de decisão.

4 — *Não enfeminar as crianças* evitando agasalhos demasiado quentes, vestuários apertados, atmosferas quentes, etc..

5 — *Higiene individual*

a) *limpeza do corpo*

b) *higiene da alimentação* — sobriedade, fuga aos excitantes.

c) *higiene do leito* — cama dura, sem roupa excessiva.

6 — *Combater a preguiça* e, em especial, não deixar ficar as crianças na cama depois de acordadas.

7 — *Higiene das paixões* — Evitar espectáculos, conversas e leituras que possam servir de estímulo e incentivo à sensualidade. Este objectivo é difícil de conseguir na sua totalidade. Muito se pode e há a conseguir se os pais acompanharem, sempre que possível, os filhos ao cinema, festas e outros divertimentos. Assim saberão o que eles vêem e com quem eles se dão e poderão corrigir o seu modo de pensar, elucidar alguns pontos, trocar opiniões com eles, corrigir este ou aquele ponto, evitar o contacto com certos amigos, etc..

Também é muito importante não deixar à mão das crianças revistas, jornais ou livros que possam ferir o seu pudor; deixá-los em sítio onde elas o possam tirar é um risco grande de elas as folhearem na ausência dos pais. Do mesmo modo é preciso excluir da decoração da casa estátuas ou imagens que possam excitar a curiosidade das crianças, assim como os pais devem ter cuidado nas conversas que têm entre eles na presença dos filhos.

8 — As crianças terão que ser advertidas sobre as tristes realidades da vida (comércio das brancas, prostituição, doenças venéreas, pederastia), sobre a psicologia e filosofia do outro sexo e sobre o amor e seus desvios, (flirt, sensualismo, etc.) A altura em que se deve falar sobre estes assuntos é variável de criança para criança. Muitas destas noções poderão ser incluídas noutras conversas entre pais e filhos. O mais importante é que, quando as crianças comecem a tomar mais contacto com a vida, (liceu, emprego, etc.) não estejam desprevenidas.

9 — Favorecer e estimular a vida de piedade das crianças, (oração, sacramentos).

As crianças deveriam ser orientadas para cumprirem estas normas de livre vontade — é preciso respeitar a sua liberdade.

5 — Os guias da educação

Os Pais

Já falamos desenvolvidamente do papel dos pais na instrução sexual e na formação do carácter dos filhos, mas não falámos ainda no ponto mais fundamental — o exemplo. «Mais que toda a acção deliberada e concertada, o que importa é a influência difusa do lar em que a criança cresce. Vendo viver o seu pai e a sua mãe impregna-se do seu exemplo (...)

O que é o amor? O que é o casamento? Os pais ensinam-no primeiro pela maneira como se amam e como vivem (...) É o amor dos pais que criou a atmosfera do lar; é a atmosfera do lar que, desde os primeiros minutos da sua vida, penetra a criança e compõe misteriosamente a sua alma» (1).

Para que serve os pais fazerem grandes prelecções sobre o amor, se os filhos vêm que eles andam sempre a discutir, que não se entendem, que não se amam? A palavra sem ser acompanhada pelo exemplo de nada vale.

*
* *
*

Dentro do campo da educação, há uns pontos concretos que queríamos frisar.

1 — Não se devem criar crianças mimadas. Este perigo é maior nos filhos únicos, mas não é exclusivo deles. O egoísmo é dos maiores óbices para a educação. A criança mimada é sempre egoísta, centra tudo sobre ela, serve-se dos outros em seu proveito. Em vez de se dar aos outros, serve-se dos outros. Nunca é cedo para combater o egoísmo nas crianças. Pode-se, por exemplo, levá-las a compartilhar os seus brinquedos com outras crianças, a desfazerem-se de um brinquedo a favor de um doente ou de um pobre, fazê-las dar esmolas, etc.. Por outro lado, devem-se combater os caprichos e a gulodice.

Aqui, como em todos os campos, o exemplo é fundamental — uns pais abertos para os outros, generosos, sóbrios, serão um exemplo vivo que incitará os filhos a cultivarem as mesmas virtudes.

2 — Deve-se cultivar a vontade do adolescente. Quando se vê os filhos no início da puberdade sonhadores, preguiçosos, indecisos, não é com reprimendas que se resolve o problema. A vontade não se forja à força. Deve-se, sim, combater a indolência do adolescente levando-o a fazer serviços que o façam viver um pouco para os outros — ajuda a tomar conta dos outros irmãos, escutismo, juventude paroquial (guias, cavaleiros,) etc. para além, claro, das suas obrigações.

(1) R. PONS — Enseigner a aimer. *Anneau d'Or* n.º 21-22 (1948) 178.

3 — Como educar o coração da criança? Como ensiná-la a amar? É pelo culto da beleza, pela admiração do que é belo, que se introduz naturalmente o amor no espírito da criança. A admiração pelas belezas da natureza (flores, paisagens, astros, etc.), pelas obras de arte, pelos homens célebres, etc., levará até Deus — a admiração transforma-se em «desejo de união ou em acto de adoração quando se eleva até Deus» (1).

4 — A educação sexual coloca-se neste conjunto de medidas educativas, neste caminhar da criança para uma conquista de si e do mundo.

Os professores dos colégios e dos liceus

Como já insistimos, é aos pais que compete o papel fundamental na iniciação sexual. O educador só deve preencher este papel se os pais faltam, mas o resultado, em geral, é medíocre. Mas se os colégios e liceus são um fraco substituinte podem ser um auxiliar precioso.

*
* *

O melhor auxílio consistiria na criação de um clima de franqueza e compreensão entre professores e alunos. Em especial nos colégios religiosos muito se poderia fazer neste aspecto:

1 — Supressão de obrigações religiosas — missa diária, comunhão frequente, obrigatórias, etc., substituída por uma grande preocupação na formação da criança no amor a Deus e no dom si, respeitando a sua liberdade.

2 — Ausência de disciplina drástica ou de medidas incompreensíveis.

3 — Compreensão da psicologia da criança e do adolescente.

4 — Existência de actividades circum-escolares que interessem às crianças — desportos, (campos de jogos no colégio, campeonatos), passeios, visitas de estudo, excursões.

5 — Espírito aberto, pronto a responder às dúvidas e perguntas que possam surgir a este respeito. É preciso adaptarmo-nos

(1) R. PONS— loc. cit.

a estes problemas, compreendê-los e estar aptos a resolvê-los. Muitos gritos de alarme se têm elevado.

Como exemplo, transcrevemos este depoimento:

«Um facto sobre os estabelecimentos religiosos: numa classe de filosofia, pedi explicações sobre o casamento e as realidades carnis, ao professor que se ocupava especialmente de mim. Ele recusou-se a responder às minhas perguntas. Ora, perdi a minha mãe aos 11 anos e o meu professor sabia que eu não tinha ninguém que me pudesse elucidar.

Duma família cristã, que quer dizer, praticando escrupulosamente os princípios essenciais da moral, fiz toda a minha educação em casas religiosas. Ninguém, pais, religiosas ou sacerdotes, respondeu às perguntas que lhes fiz. A minha iniciação fez-se ao acaso.

Que dizer das alterações da adolescência? Foi-me preciso conciliar as minhas sensações novas, o impudor completo das banhistas na praia, com o rigorismo das religiosas que gritavam escândalo quando trazia soquetes ou as minhas mangas não atingiam o cotovelo e com o encolher dos ombros dos meus pais que pensavam que nada fazia mal às raparigas.

No meio de tantos problemas angustiantes, como poderia ter tempo de pensar na espiritualidade do amor? O pecado ocupava-me muito mais» (1).

Este depoimento data de 1948, mas ainda hoje nos faz pensar no que é preciso fazer.

*

*

*

Se a maior parte das considerações que fizemos são aplicáveis apenas aos colégios religiosos, há um modo de acção comum aos colégios e aos liceus: a acção individual dos professores. É por este meio que se pode desenvolver nas crianças a noção do belo e da perfeição a propósito, por exemplo, da história natural ou das obras de arte, que no ensino da história se pode fazer compreender o valor da devoção, do sacrifício, do cumprimento do dever, a propósito das vidas dos grandes homens, etc.. Poder-se-á mesmo entrar discretamente no assunto, por exemplo, desenvolvendo a noção de amor a propósito de obra literária que fale nele.

(1) Anneau d'Or 21-22 (1948).

Talvez se possa mesmo ir mais directamente ao assunto, aproveitando, por exemplo, o dia da Mãe, para abordar o tema. Esta experiência foi empreendida em França, por Pierre Chambre com magníficos resultados». (1).

Todavia, lembremos as condições necessárias para que experiências como esta possam dar resultado (ver pág. 93): professor especialmente preparado e com grande sentido pedagógico, escolha criteriosa dos assuntos, colaboração dos pais, conhecimento individual de cada aluno.

O médico

O médico pela influência que os seus conselhos têm sobre o doente e sobre a família, desempenha uma missão de grande responsabilidade na educação da castidade.

A sua primeira obrigação é, quando procurado por pais preocupados com o estado de saúde dos seus filhos (dores de cabeça, cansaço, etc.), ou com falta de rendimento escolar, não preconizar o abandono da castidade como meio de cura, o conselho, aliás, sempre prejudicial. Quantas vezes médicos aconselham práticas hetero-sexuais deixando em claro o verdadeiro padecimento do doente! O dr. PAIVA BOLEO cita uns exemplos elucidativos:

«Num rapaz que recebera essas directivas, descobriu-se que era portador duma ténia. As dores de cabeça passaram com a eliminação do parasita. Outro era um doente mental, concluiu o curso superior, viveu uma vida dissoluta, casou e está actualmente internado numa casa de saúde com uma psicose grave. Outro, um jovem sacerdote, repeliu energicamente tais conselhos e descobriu-se algum tempo depois um tumor cerebral. Foi operado, viveu ainda alguns anos e teve morte santa».

Também quando procurado pelos pais, a propósito da masturbação dos filhos, deve dar-lhes a colaboração devida por conselhos apropriados e, se for preciso, tomando as medidas terapêu-

(1) P. CHAMBRE — La famille et l'école devant le problème de l'éducation sexuelle Fed. Nat. des Associations de Parents d'élèves des lycées et collèges. Paris, 1948.

P. CHAMBRE — Le professeur de lycée. Anneau d'Or 21-22 (1948) 239.

ticas adequadas, mas nunca aconselhando práticas hetero-sexuais que, na maior parte das vezes, não seriam mais do que uma masturbação a dois e que, de nenhum modo, resolveriam a situação.

Para lá desta atitude negativa de desaconselhar as práticas hetero-sexuais, o médico deverá ter uma atitude positiva de encorajamento da castidade e de elucidação e auxílio aos pais na educação sexual dos filhos.

Se até agora nos temos referido ao médico na sua clínica particular, o que dizer do médico escoliar que, em vez de abarcar um ou outro caso individual, abarca toda a população dum liceu?...

O Sacerdote

O papel do sacerdote na iniciação sexual, é fundamental, seja ele o director espiritual da família, um padre amigo, um prior ou um padre da paróquia, um professor do colégio, etc..

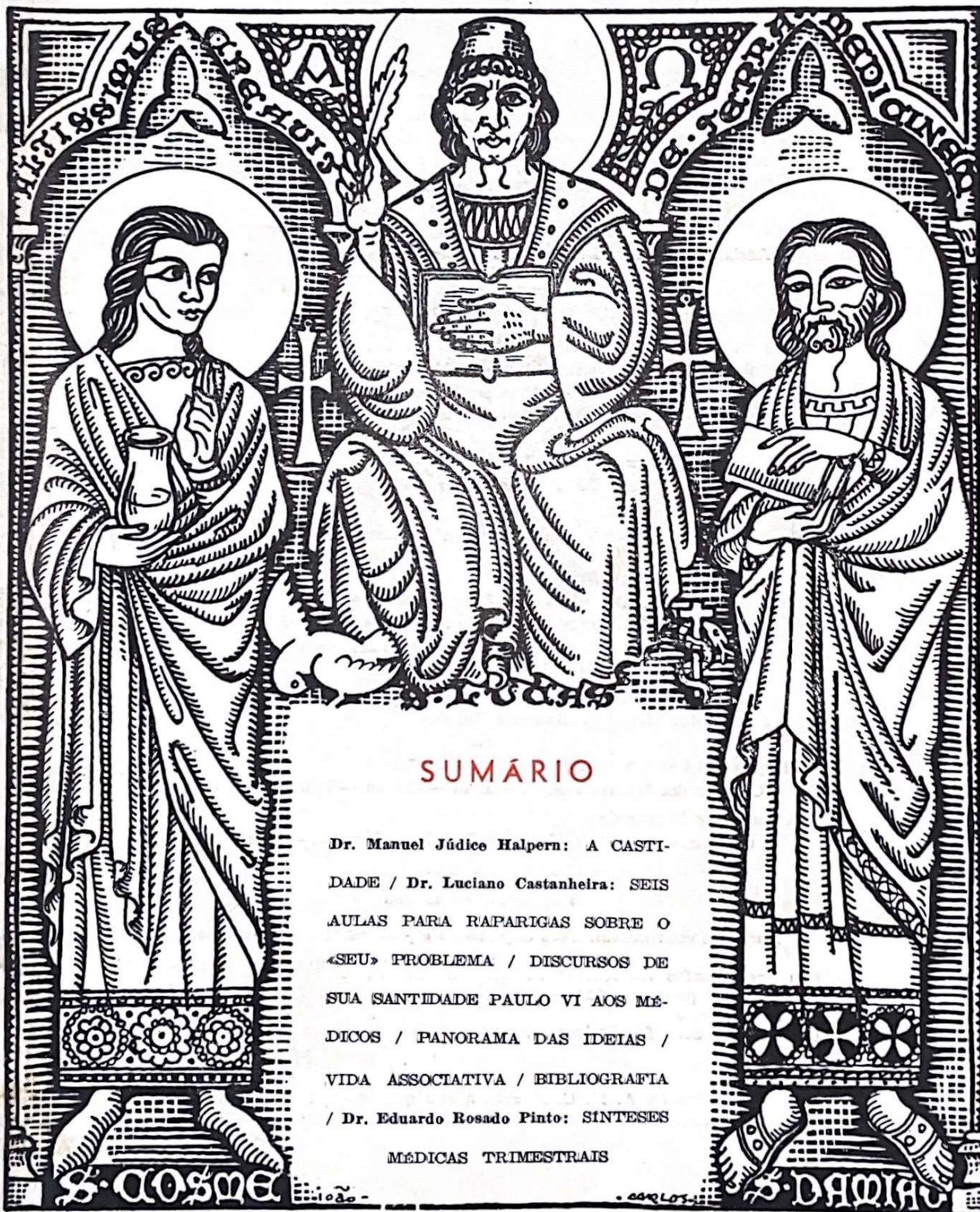
Todavia, não somos nós a pessoa indicada para desenvolver este assunto.

RÉSUMÉ

L'Auteur insiste tout d'abord sur ce point qu'alors que toutes les autres fonctions de l'organisme sont individuelles, la fonction sexuelle exige la collaboration de l'autre sexe. Ce n'est donc pas un besoin absolu de l'organisme, mais une nécessité pour la propagation de l'espèce. En ce domaine, ce qui fait la différence entre les humains et les animaux, ce sont les manifestations psychologiques qui y sont liées pour les premiers. L'Auteur pose ensuite la question de savoir si la chasteté est nocive ou bienfaisante, et souligne la différence entre continence et chasteté.

Il aborde alors le thème de l'initiation sexuelle et condamne le silence dont a coutume d'entourer le mystère de la vie. Il estime qu'on doit l'expliquer lentement, progressivement, en tenant compte de la mentalité de l'enfant. C'est de préférence aux parents qu'il appartient d'éclairer leur enfant, mais ils peuvent se faire aller dans cette mission par les éducateurs, les médecins, les prêtres. L'Auteur parle enfin des expériences réalisées dans ce sens et la méthode à suivre.

ACÇÃO MÉDICA



SUMÁRIO

Dr. Manuel Júdice Halpern: A CASTIDADE / Dr. Luciano Castanheira: SEIS AULAS PARA RAPARIGAS SOBRE O «SEU» PROBLEMA / DISCURSOS DE SUA SANTIDADE PAULO VI AOS MÉDICOS / PANORAMA DAS IDEIAS / VIDA ASSOCIATIVA / BIBLIOGRAFIA / Dr. Eduardo Rosado Pinto: SINTESES MÉDICAS TRIMESTRAIS